

SIMPÓSIO AT097 LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL: INSTRUMENTAL PARA ANÁLISE DE TEXTOS

AS RUIVAS NOS CONTOS DE CLARICE LISPECTOR: USO E SIGNIFICAÇÃO DOS CABELOS VERMELHOS

BRAZ, Camille Roberta Ivantes
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior,
CAPES, Brasil.
crib14@gmail.com

BARBOSA, Flávio de Aguiar
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
flavioab.uerj@gmail.com

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar o uso e a significação do vocábulo *ruiva* em cinco contos da escritora Clarice Lispector – *Eu e Jimmy*, *Felicidade Clandestina*, *Miss Algrave*, *Onde estivestes de noite* e *Tentação*. O artigo apresenta um recorte de uma pesquisa de doutorado em Estudos da Língua da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) que visa elaborar uma abordagem lexicográfica para o vocabulário cromático dos contos da autora. O estudo é feito a partir da Linguística Sistêmico-Funcional de Michael Halliday (2004), do Sistema de Avaliatividade de Jim Martin e Peter White (2005), e da Teoria da Iconicidade Verbal de Darcília Simões (2009). Na abordagem prática dessas ideias, desenvolve-se uma análise do vocábulo *ruiva* nos cinco contos mencionados previamente. O objetivo é apresentar contribuições para o desenvolvimento de estratégias para a interpretação de textos literários a partir de estudos funcionais.

Palavras-chave: Linguística Sistêmico-Funcional; Sistema da Avaliatividade; Teoria da Iconicidade Verbal; Clarice Lispector; Cor.

Abstract: The present work aims to analyze the use and meaning of the word *ruiva* in five short stories written by Clarice Lispector – *Eu e Jimmy*, *Felicidade Clandestina*, *Miss Algrave*, *Onde estivestes de noite* and *Tentação*. This article presents a part of a PhD research in Language Studies at the University of the State of Rio de Janeiro (UERJ), which aims to elaborate a chromatic vocabulary of the author's short stories. The study is based on the Systemic-Functional Linguistics of Michael Halliday (2004), The appraisal theory by Jim Martin and Peter White (2005), and the Verbal Iconicity Theory by Darcília Simões (2009). In the practical approach of these ideas, an analysis of the word *ruiva* is developed in the five stories previously mentioned. The objective is to present contributions to the development of strategies for the interpretation of literary texts from functional studies.

Keywords: Systemic-Functional Linguistics; Appraisal Theory; Verbal Iconicity Theory.; Clarice Lispector; Colour.

Introdução

Um vestido vermelho. Uma bola azul. Um copo amarelo. Visualizar esses três objetos nas cores designadas não representa qualquer dificuldade para a maioria das pessoas porque as cores fazem parte do cotidiano. Mas para aqueles que não possuem o sentido da visão (ou têm qualquer problema para perceber e distinguir cores) isso pode ser um desafio. Como, então, comunicar a aparência delas para esse grupo de pessoas? Aliás, como falar *de* e *sobre* cores sem usar imagens? Através da língua. A resposta, aparentemente óbvia, não considera o fato de que definir as cores linguisticamente é um desafio muito maior do que se imagina.

A fim de refletir a respeito dessas dificuldades (e também senti-las na prática), elabora-se, como produto final de uma tese de doutorado em Estudos da Língua da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), um vocabulário analógico dos termos cromáticos usados por Clarice Lispector (doravante CL) em seus contos. A pesquisa também objetiva contribuir para o desenvolvimento de estratégias para a interpretação de textos literários a partir de estudos funcionais.

O presente artigo apresenta um recorte desta pesquisa, os usos e significados da palavra *ruiva* (entendido neste estudo como uma das possíveis manifestações da ideia de “vermelho”) em cinco contos da autora: *Eu e Jimmy*, *Felicidade clandestina*, *Miss Algrave*, *Onde estiveste de noite* e *Tentação*.

1. Embasamento teórico

A fim de mapear os usos e significados que CL atribui ao vocabulário cromático de seus contos (neste estudo especificamente à palavra ruiva) utilizam-se três teorias: a Linguística Sistêmico Funcional (doravante LSF), o Sistema de Avaliatividade (doravante SA) e a Teoria da Iconicidade Verbal (doravante TIV). O cruzamento teórico fornece subsídios para que se analise o texto de CL em perspectiva funcionalista e, ao mesmo tempo, semiótica.

A LSF do linguista britânico Michael Alexander Kirkwood Halliday (1925-2018) concebe a língua como instrumento de interação social. A LSF é a teoria central para as análises textuais da pesquisa, visto que, a partir dela, é possível que se examine o uso que o falante faz da língua de acordo com suas necessidades de interação com os outros e também suas escolhas diante do repertório de opções oferecidas pelo idioma. Na LSF, entende-se que a língua funciona como construção da experiência humana (a verbalização dessa experiência), que se realiza através de funções linguísticas que Halliday e Matthiessen nomeiam de *metafunções da linguagem*. São três metafunções: a **textual**, que trata da organização da mensagem; a **ideacional**, que apresenta a compreensão do ambiente (quem faz o quê, a quem, onde e quando) e a **interpessoal** que cuida das relações entre os participantes do evento comunicativo.

A segunda teoria adotada, o SA de Jim Martin e Peter White, se articula diretamente com a metafunção interpessoal da LSF. Nas primeiras linhas da introdução do livro *The language of evaluation – appraisal in english* (2005), lê-se, “este livro se preocupa com o interpessoal da linguagem, com a presença subjetiva de escritores/falantes nos textos à medida em que estes adotam posições tanto em relação ao material que apresentam quanto àqueles com quem se comunicam” (MARTIN e WHITE, 2005, p. 1, tradução minha¹). Sendo objetivo deste estudo verificar os usos que CL faz do vocabulário cromático em seus contos, julga-se pertinente adotar mais uma perspectiva voltada para a presença do autor no texto. Sobretudo uma que fornece subsídios para que se identifiquem as aprovações e desaprovações que atuam na construção da coerência da narrativa.

O terceiro elemento da base teórica é a TIV da Professora Doutora Darcilia Simões. Desde as primeiras leituras dos contos escolhidos para constituir o *corpus* deste estudo, se notou a necessidade de buscar apoio em uma teoria que oferecesse elementos para embasar as observações a respeito

¹ No original: “this book is concerned with the interpersonal in language, with the subjective presence of writers/speakers in texts as they adopt stances towards both the material they present and those with whom they communicate.”.

das imagens que o texto de CL evoca no que diz respeito a cores. A construção do significado nos contos escolhidos também passa pela organização visual do texto, sobretudo através da pontuação e da paragrafação que fornecem índices (pistas) – a respeito dos sentidos – ao leitor enquanto ele interpreta o que lê.

De base semiótica, a TIV

[...] surgiu da necessidade de criar-se uma base teórica, que observasse o signo em sua materialidade (sonora ou visual). [...]. Cremos na premissa de que qualquer signo se funda a partir de uma imagem mental de algo. Essa imagem primeira é um ícone. (SIMÕES, 2009, p. 68).

A análise dos textos é feita a partir da forma como esta pesquisa entende que as três teorias citadas – LSF, SA e TIV – se combinam. O SA, como já exposto, atua diretamente com a metafunção interpessoal. A TIV atua em conjunto com as outras duas metafunções: junto à textual, para que se identifiquem na organização da mensagem possíveis escolhas gráficas que se apresentem como elementos para construção de significado e, junto à ideacional, para que sejam analisadas as escolhas lexicais e o potencial icônico que tais escolhas possuem.

2. Metodologia de Pesquisa

As versões dos contos analisadas para este estudo são as presentes na coletânea *Todos os contos* (2016) que, como o próprio título indica, reúne todos os contos de CL. São 84 histórias que foram lidas e depois digitadas em formato “txt”, pressuposto para o uso do programa de computador *Wordsmith Tools* da Universidade de Oxford (<http://www.lexically.net/wordsmith/>). Trata-se de um *software* de análises linguísticas que permite identificar, quantificar e mapear padrões de uso (neste caso, padrões lexicais) no grupo de textos que serve como *corpus*. A pesquisa, em sua totalidade, utiliza o programa para determinar quais contos *claricianos* apresentam vocabulário cromático mais relevante. Esse tipo de vocabulário é entendido na pesquisa geral como os nomes de cores; palavras que remetem a cores por questões simbólicas; palavras que nomeiam partes/tons/aparências/reações humanas e verbos,

adjetivos e substantivos que, juntos com os termos cromáticos apurados pelos critérios anteriores, formam campos semânticos nos contos.

Neste artigo apresentam-se alguns dos usos e significados apurados especificamente para a palavra ruiva. Com o auxílio do *Wordsmith Tools* determinou-se que o vocábulo está significativamente presente nos contos *Eu e Jimmy*, *Felicidade clandestina*, *Miss Algrave*, *Onde estiveste de noite e Tentação*.

A análise, propriamente, obedece à seguinte ordem: primeiro isolam-se as orações (às vezes períodos por questões contextuais) que apresentam vocabulário cromático (de acordo com os critérios expostos neste item) e, em seguida, é feita a análise dessa oração a partir da LSF, SA e TIV.

3. Ser ruiva nos contos *clariceanos*

A análise dos contos que compõem o *corpus* deste estudo em particular possibilita o entendimento de que CL cria um caminho indicial para que, nessas narrativas, seu leitor acesse a simbologia ligada à cor ruiva,

o ruivo é uma cor que se situa entre o vermelho e o ocre: um vermelho-terra. Ele lembra o fogo, a chama, daí a expressão *roux ardent* (ruivo “ardente”). Mas em vez de representar o fogo límpido do amor celeste (o vermelho), ele caracteriza o fogo impuro, que queima sob a terra, o fogo do Inferno (...) o ruivo evoca o fogo infernal devorador, os delírios da luxúria, a paixão do desejo, o calor *de baixo*, que consomem o ser físico e espiritual. (CHEVALIER E GHEERBRANT, 2017, p. 792).

A trilha indicial se apresenta de forma mais clara em dois contos: *Onde estivestes de noite* e *Miss Algrave*. Ambos trazem personagens ruivas lutando contra os próprios instintos que podem conduzi-las para uma vida na qual a simbologia da cor de seus cabelos se manifestará plenamente.

Em *Onde estivestes de noite*, um conto fantástico que se passa na primeira metade em um noturno mundo onírico no qual tudo é permitido, a ruiva se chama *Psiu*, “[...] a moça era **ruiva** e como se não bastasse era **vermelha** por dentro e além disso daltônica.” (LISPECTOR, 2016, p. 486, grifos meus.). *Psiu* vive amedrontada *por* tudo e *com* tudo por não atender ao chamado da

noite que, no contexto do conto, pode ser interpretado como *viver* o ruivo (considerando a simbologia já exposta).

Cabe observar que, para CL, *ruivo* e *vermelho* são valorativamente equivalentes e, assim, somado à simbologia dos cabelos ruivos, há tudo que a cor vermelha carrega: cor do fogo, da paixão, do amor etc. Aqui, considerando a afirmativa de CL a respeito de Psiu ser *vermelha por dentro*, julga-se importante reforçar a cor como “[...] símbolo fundamental do princípio da vida, com sua força, seu poder e seu brilho [...]” (CHEVALIER E GHEERBRANT, 2017, p. 944). Ao se pensar nesse simbolismo mais positivo ligado à cor, sobretudo a ideia de força, pode-se compreender que Psiu é uma mulher que nega duplamente a si mesma, se reprime constantemente: ela é **ruiva** (e, nesta pesquisa, a partir do simbolismo do tom, entende-se como alguém que naturalmente se destina à luxúria) e carrega muita vida dentro dela; muita energia; muito fogo dentro de si, porque é **vermelha**.

E há mais: **ruiva** por fora, **vermelha** por dentro e *daltônica*. CL marca mais essa característica de sua personagem primeiro com o advérbio *além* (“e além disso era daltônica”). Ainda que não seja um termo cromático dentro dos padrões definidos por esta pesquisa, o adjetivo *daltônica* precisa ser considerado por contribuir contextualmente para a história; ser daltônico(a) é sofrer de daltonismo, uma anomalia hereditária da visão caracterizada por cegueira ou dificuldade para distinguir certas cores. Assim, tem-se essa mulher **ruiva**, **vermelha** no seu interior e que é, por questões genéticas, incapaz de distinguir cores. Aliás, Psiu é duplamente condenada pela genética: nasceu ruiva, mas incapaz de enxergar isso. Ademais, é preciso considerar a leitura simbólica, de que o daltonismo da personagem indica a própria dissonância entre o valor simbólico de ser ruiva e o comportamento que reprime essas tendências... ela se mostra incapaz de “ver” sua própria natureza, marcada na cor de seus cabelos.

Ruth Algrave, a protagonista de *Miss Algrave*, é como Psiu no início do conto. Quando seu momento de liberação/aceitação ocorre, ele se apresenta ligado aos cabelos ruivos: “soltara os cabelos bastos que eram uma beleza de

ruivos.” (LISPECTOR, 2016, p. 536, grifo meu.). *Beleza* é um ícone, pois a palavra traz à mente do leitor a perfeição estética. Observando o período completo – “soltara os cabelos bastos que eram uma beleza de ruivos” – é possível afirmar que o mesmo evoca a imagem de uma mulher sensual e consciente de que é bonita. Esta oração marca o início da “nova” Ruth Algrave, pronta para se assumir ruiva (nos termos *clariceanos*), ou seja, uma pessoa muito liberada sexualmente e que ergue insolente sua cabeça de mulher. Ruth realiza, adulta, a seguinte promessa expressa em outro conto, *Tentação*. E “que importava se num dia futuro sua marca ia fazê-la erguer insolente uma cabeça de mulher?” (LISPECTOR, 2016, p. 314).

Em *Tentação*, a protagonista é uma criança resignada e igualmente “marcada” como Puiu e Ruth Algrave, pois “numa terra de **morenos**, ser **ruivo** era uma revolta involuntária” (LISPECTOR, 2016, p. 314, grifos meus). A marca, no contexto do conto *Tentação* (e no eixo simbólico dos cabelos ruivos nos contos de CL) pode ser entendida como a cabeleira **ruiva**. *Tentação*, aliás, é o outro conto no qual ruivo e vermelho se equivalem e, nesse, CL constrói – amparada no calor da tarde na qual se passa a história – um campo semântico que relembra ao leitor, todo o tempo, a ligação entre vermelho e fogo. O cabelo ruivo acaba sendo associado, por questões contextuais, ao adjetivo *faiscante* e ao verbo *flamejar*.

Ser ruiva no universo dos contos de CL é, portanto, um destino e, ao trazer em si essa marca, a ruiva possui um fogo inerente que precisa ser, de alguma maneira, vivido ou negado. Em *Eu e Jimmy* a personagem ruiva é a mãe da protagonista que é descrita da seguinte maneira: “mamãe antes de casar [...] era um foguete, uma **ruiva** tempestuosa, com pensamentos próprios sobre liberdade e igualdade das mulheres”. (LISPECTOR, 2016, p. 79). A compreensão que fica na leitura do conto é que a mãe da protagonista abre mão dessas suas características pessoais ao se casar e escolher obedecer ao marido.

Dentre as personagens femininas ruivas há ainda a criança de *Felicidade Clandestina* que não chega a ser realmente ruiva (sequer arruivada,

ela é descrita como *meio* arruivada.). Sua inclusão no grupo das personagens de cabelos vermelhos se justifica por ser esta uma busca cromática e, em linhas gerais, a menina traz a cor vermelha (em um tom bem mais claro e diferente das demais) em si. É importante notar que, de todas as personagens de cabelos vermelhos, esta é a única vilã, sendo derrotada ao final do conto. Por isso, entre outros fatores presentes em *Felicidade Clandestina*, se levanta a hipótese de que a autora não a ache digna de ser ruiva (ou sequer arruivada).

Considerações Finais

A partir das análises dos contos, emergem do texto sentidos análogos para os termos cromáticos. Esses sentidos, mapeados e organizados, constituem os verbetes do vocabulário cromático que será produto da tese de doutorado a que esse artigo se liga.

As cores de cabelos, ao longo da pesquisa, mostram-se bem relevantes no universo *clariceano*. Entre as personagens ruivas, apenas Puiu e Ruth Algrave recebem nomes; as outras três são identificadas a partir da coloração de seus fios: menina ruiva, criança vermelha, a arruivada...

O que interessa aqui é identificar como CL extrapola o sentido de ruivo presente nos dicionários gerais da língua portuguesa para construir um sentido próprio no vocabulário que se objetiva elaborar. Como “cremos na premissa de que qualquer signo se funda a partir da imagem mental de algo. Essa imagem primeira é um ícone.” (SIMÕES, 2009, p. 68), entendemos que, ao ler a palavra *ruivo*, o falante da língua portuguesa em sua variedade brasileira a associa à pessoas com cabelos louro-avermelhados. Porém, no universo dos contos *clariceanos*, como as análises das histórias que compõem este eixo simbólico comprovam, ser ruivo é isso e ainda mais: é ter um destino traçado de entrega à luxúria ou de negação desta que pode – e muito – interferir e modificar os rumos da sua vida.

Referências

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos:** mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 30. ed.. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.

LISPECTOR, Clarice. **Todos os Contos**, MOSER, Benjamin (Org.), 1. ed.. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

MARTIN, J.R.; WHITE, P.R.R.. **The language of evaluation** – appraisal in english. New York: Palgrave McMillan, 2005.

SIMÕES Darcília Marindir Pinto. **Iconicidade verbal:** teoria e prática. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2009. Disponível em: http://www.dialogarts.uerj.br/admin/arquivos_tfc_lingua/iconicidadeverbal.pdf. Acesso em: 12 maio.2019.